



Pétalas de sangue: natureza, violência e redenção no Quênia pós-colonial

Ângela Lamas Rodrigues

Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380, 86051-980, Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: alrodrigues73@yahoo.com.br

RESUMO. Este trabalho discute o processo de domesticação do ambiente natural africano, tal como retratado em *Pétalas de Sangue*, do escritor e crítico queniano, Ngugi wa Thiong'o (1991), com o objetivo de entender como o romance representa a relação entre dominação cultural e exploração econômica da terra e da mão de obra, levadas a cabo pelos britânicos no Quênia, e detectar, na trajetória dos personagens, a existência ou não de formas de agência capazes de minimizar os impactos do colonialismo. Tem-se como hipótese a construção de uma dialética entre violência e redenção, tecida ao longo da narrativa a partir da formação de novas subjetividades e da convivência assimétrica entre diferentes modos de vida, para os quais o ambiente natural apresenta valores opostos.

Palavras-chave: modernidade colonialista, dominação cultural, agência, utopia.

Petals of blood: nature, violence, and redemption in post-colonial Kenya

ABSTRACT. This paper analyzes the process of domestication of the African natural environment, as portrayed in Kenyan writer and critic Ngugi wa Thiong'o's *Petals of Blood* (1991), in order to understand how the novel represents the relation between cultural domination and the economic exploitation of the land and the work force, carried out by the British in Kenya, and detect, in the characters' trajectories, the existence or not of forms of agency capable of minimizing the impacts of colonialism. My claim is that the novel builds a dialectics between violence and redemption, woven in the narrative through the formation of new subjectivities and the asymmetrical co-existence of different modes of life, to which the natural environment presents opposed values.

Keywords: colonialist modernity, cultural domination, agency, utopia.

O esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19)

Introdução

Em *A singular modernity*, Jameson (2002) propõe um entendimento da modernidade europeia enquanto tropo ou categoria narrativa que só pode ser apreendida em seus efeitos. Longe de apontar para um evento, o termo modernidade revelaria, assim como o termo história (em outro momento Jameson (1982) define história como 'aquilo que machuca'), apenas a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de submeter séculos de transformações, eventos e processos a uma mera definição. Este tratamento, parece-me, pode ser bastante produtivo para a leitura de textos literários que tratam dos desdobramentos da modernidade colonialista, como é o caso do romance *Pétalas de*

Sangue, do escritor queniano Ngugi wa Thiong'o. Não é novidade que Ngugi busca representar em suas obras as diversas modificações estruturais sofridas pelas sociedades quenianas com a chegada do colonizador, focando-se nas tragédias pessoais de cada um de seus protagonistas: a expropriação da terra, a entrada de novos discursos e valores, a imposição da língua inglesa e da educação formal desnorream a pessoa africana e desarticulam suas sociedades a ponto de conduzi-las a um estágio de loucura, morte e desolação. Assim, a modernidade colonialista é tratada em obras como *Secret lives*, *The river between* e *Petals of blood* justamente a partir do que causa, do que produz, do que transforma. Cabe dizer que tal transformação é sempre negativa e

deletéria devido à brutalidade da força colonizadora. Longe de constituir um encontro minimamente amistoso entre culturas distintas, a modernidade representa, nos textos em questão, a imposição violenta do modo de produção capitalista com o propósito único de explorar os recursos humanos e naturais supostamente disponíveis. Em contrapartida, os personagens buscam maneiras diversas de conviver com a nova realidade que se impõe, sucumbindo ou resistindo às demandas da colonização.

Escrito em 1977, *Pétalas de sangue* é considerado o último romance realista do autor. Foi, também, o último romance escrito, primeiramente, em língua inglesa, já que Ngugi adota, por razões eminentemente políticas, sua língua materna, o gikuyu, nas obras seguintes. Consagrado e criticado por muitos, *Pétalas de sangue* ganhou fama no Ocidente e nos países africanos de língua inglesa e muito já se falou sobre sua força e suas fraquezas. Este trabalho insere-se nessa vasta bibliografia, lançando um olhar sobre duas questões inquietantes no romance: as lentas e profundas modificações na relação do homem com o ambiente natural a partir da chegada do colonialismo - que culminam na domesticação da natureza e na expropriação da terra - e a presença de uma agência humana e de motivos utópicos que se contrapõem aos efeitos da modernidade. Sobre este último ponto, cabe salientar que o título do romance se apresenta como motivo utópico por excelência, na medida em que aponta para algo capaz de sobreviver, ainda que somente no plano discursivo, às consequências trágicas do encontro com o europeu.

***Pétalas de sangue*: cientificismo e dominação cultural**

Ao comentário de seu aluno sobre uma flor cuja coloração lembrava a cor do sangue, Munira, um dos personagens principais do romance, responde¹:

Não há cor chamada sangue. O que você quer dizer é que ela é vermelha. Vê? Você precisa aprender os nomes das sete cores do arco-íris. Flores são de tipos e cores diferentes. Agora eu quero que cada um de vocês pegue uma flor [...] conte o número de pétalas e pistilos e me mostre o pólen (NGUGI, 1991, p. 21)².

Nesta passagem, Munira introduz uma noção cartesiana da natureza, baseada em sua própria educação formal europeia. A visão orgânica do mundo natural, presente no comentário do aluno,

que relaciona a coloração da flor com seu próprio sangue, uma relação que, efetivamente, não faz distinção entre sujeito e objeto e se baseia em percepções sensoriais, é rechaçada e substituída por um conceito da planta enquanto objeto de análise, minuciosamente categorizado a partir de conceitos e terminologias da Anatomia Vegetal. A flor é, então, dissecada e estilizada, em uma palavra, objetificada, pelos pressupostos da racionalidade científica.

É justamente por estar fora dos limites de tal racionalidade que a pergunta do aluno acaba por confundir e perturbar o professor: Munira reconhece que vem reproduzindo, no decorrer de sua carreira, um modelo de ensino sem reflexão, *ready-made stuff* (NGUGI, 1991, p. 23) que funciona bem desde que ele “[...] seja cuidadoso para não ser arrastado para uma área de escuridão [...] desconhecida, desconhecível, como as flores com pétalas de sangue [...]” (NGUGI, 1991, p. 24)³. Com efeito, Munira pode ser visto como indivíduo alienado pelo pensamento esclarecido da modernidade colonialista, indivíduo que busca no conhecimento objetivo a saída para o medo do que não se pode dominar. Cabe, aqui, a famosa afirmação de Adorno e Horkheimer (1985, p. 29, grifo do autor) de que

[...] o homem presume estar livre do medo quando não há nada mais de desconhecido. [...]. Nada mais pode ficar de fora, porque a simples ideia do ‘fora’ é a verdadeira fonte da angústia.

Para os autores, a tentativa iluminista de superar as visões míticas do mundo a partir de um violento processo de racionalização empobreceu e reificou a relação do homem com o seu entorno, que se transformou em mero objeto de especulação e experimentação. A racionalização de todos os domínios da vida aparece, portanto, como solução para as inseguranças do homem, e o conhecimento científico é, nesse contexto, o caminho que leva ao fim das mitologias, dos mistérios e das superstições. No caso de Munira, a angústia vem à tona pela manifestação espontânea dos alunos, para quem a natureza não é classificável de acordo com parâmetros estranhos à experiência humana cotidiana. Deparar-se com tais conceitos é sair da segurança proposta pela educação formal adquirida pelo professor nas escolas coloniais quenianas.

No contexto africano retratado por Ngugi, a relação homem-natureza baseada na sacralização dos elementos naturais e na ancestralidade é, pouco a pouco, transformada em uma relação em que a

¹ As traduções para o português foram realizadas pela autora.

² “There is no colour called blood. What you mean is that it is red. You see? You must learn the names of the seven colours of the rainbow. Flowers are of different kinds, different colours. Now I want each one of you to pick a flower [...] Count the number of petals and pistils and show me its pollen.”

³ “was careful not to be dragged into an area of darkness [...] unknown, unknowable [...] like the flowers with petals of blood.”

natureza se torna objeto de estudo e exploração, com a função única de gerar riquezas materiais para os colonizadores e para as elites africanas em detrimento das populações quenianas, agora miseráveis. Tem-se, aqui, a produção de um regime de verdade, nos termos de Foucault, em que poder e conhecimento se alimentam mutuamente. Segundo o autor,

Nenhum exercício de poder pode existir sem que haja uma certa economia de discursos de verdade que opera através e na base dessa associação. Estamos sujeitos à produção da verdade por meio do poder e não podemos exercer poder exceto por meio da produção da verdade. [...] De outro modo, estamos também sujeitos à verdade no sentido de que é a verdade que produz as leis, que produz o verdadeiro discurso que, ao menos em parte, decide, transmite e se estende sobre os efeitos do poder. Ao final, somos julgados, condenados, classificados, determinados em nossos fazeres, destinados a um certo modo de viver ou morrer, como função dos verdadeiros discursos que são os sustentáculos dos efeitos específicos do poder (FOUCAULT, 1980, p. 93-94)⁴.

Em *Pétalas de Sangue*, o novo discurso de verdade instaurado é de que o ambiente natural, antes inseparável da pessoa africana e dos modos de vida próprios das sociedades quenianas, deve ser abordada somente a partir da mediação do conhecimento científico. A mediação distancia, supostamente, o sujeito do mundo natural e funciona como suporte, no plano intelectual, para a política extrativista implementada pelo governo britânico. Ou seja, para que natureza e homem sejam escravizados, é fundamental que a pessoa africana passe a se relacionar com a natureza de forma diferenciada, não mais como parte de um todo coeso, mas como objeto passível de toda sorte de manipulação e uso com fins essencialmente exploratórios. O romance é preciso quando mostra, mais tarde, o desmatamento, a seca e o empobrecimento de um povoado como consequências do desenvolvimento e do progresso trazidos pela Europa esclarecida. É o que ocorre na pequena Ilmorog, cenário principal de *Pétalas de Sangue*, que fora atingida pela desertificação do solo como atesta um dos personagens:

Você esquece que naqueles dias a terra não era para compra. Era para uso. [...] E era também coberta por florestas. As árvores chamavam a chuva. E davam

sombra ao solo. Mas a floresta foi comida pela ferrovia. Você se lembra de que eles costumavam vir até aqui pela madeira – pra alimentar a coisa de ferro. Aah, eles só sabiam como comer, como levar embora qualquer coisa. (NGUGI, 1991, p. 82)⁵.

A produção de um discurso cientificista-desmitologizante abre o caminho para a entrada devastadora do modo de produção capitalista, que passa a gerar bolsões de pobreza antes inimagináveis e produz uma divisão acirrada entre a burguesia local e o proletariado que aos poucos se constitui. Não é novidade que *Pétalas de sangue* traz uma leitura eminentemente Marxista do Quênia pós-independência, leitura que enfatiza a formação de uma ideologia dominante, a luta de classes e a tomada de consciência de determinado setor da sociedade queniana. Williams (1999, p. 83), por exemplo, afirma que a comodificação, no romance, da bebida *Theng'eta*, “[...] é uma boa ilustração do argumento Marxista sobre como o capitalismo transforma o valor de uso em valor de troca”⁶. A bebida, produzida a partir da flor que possui pétalas de sangue, uma planta conhecida no Brasil como Gengibre-vermelho ou Alpínia, é um líquido preparado e usado pela comunidade em cerimônias específicas. Ao final do romance, no entanto, a bebida passa a ser produzida em larga escala e comercializada para o mercado internacional, com o objetivo único de gerar lucro para um complexo industrial que há pouco descobrira as preciosidades do interior do Quênia. Ou seja, a *Theng'eta*, antes um símbolo sacralizado de unificação da comunidade, torna-se mera mercadoria no contexto de produção capitalista. É assim que todo o alcance espiritual e comunal da bebida, bem como a história de sua produção e utilização pelo povoado, desaparece na produção industrial e no consumo em massa de um produto inespecífico.

A partir de tal leitura é possível interpretar a expressão que dá nome ao livro em termos do contraste entre uma racionalidade cientificista e uma leitura do mundo cultural e socialmente embasada. Há, no entanto, argumentos que apontam para outros sentidos possíveis. Wright (2011, p. 236), por exemplo, ao comparar *Pétalas de sangue* e *Heart of redness*, do sul-africano Mda, concorda que “[...] os dois romances lidam muito explicitamente com os

⁴ “There can be no possible exercise of power without a certain economy of discourses of truth which operates through and on the basis of this association. We are subjected to the production of truth through power and we cannot exercise power except through the production of truth. [...] In another way, we are also subjected to truth in the sense in which it is truth that makes the laws, that produces the true discourse which, at least partially, decides, transmits and itself extends upon the effects of power. In the end, we are judged, condemned, classified, determined in our undertakings, destined to a certain mode of living or dying, as a function of the true discourses which are the bearers of the specific effects of power.”

⁵ “You forget that in those days the land was not for buying. It was for use. [...] The land was also covered with forests. The trees called rain. They also cast a shadow on the land. But the forest was eaten by the railway. You remember they used to come for wood as far as here - to feed the iron thing. Aah, they only knew how to eat, how to take away everything.”

⁶ “is a good illustration of the Marxist argument about the way in which capitalism turns use value [...] into exchange value.”

efeitos potencialmente devastadores do desenvolvimento capitalista da terra”⁷. Para a autora, a expressão ‘pétalas de sangue’ refere-se, metaforicamente, à violência instituída em um Quênia pós-colonial, que só inutilmente tenta voltar a um passado para sempre perdido:

[...] a imagem da flor que sangra [...] é uma imagem da corrupção e da devastação da natureza como resultado do desmatamento e da construção da rodovia Transafricana (WRIGHT, 2011, p. 236)⁸.

Wright enfatiza o desconhecimento da população mais jovem, agora influenciada pela educação formal, em relação aos saberes dos mais velhos, já que a flor notada pelo aluno de Munira tem importância fundamental na cultura Gikuyu, uma vez que é a base da bebida *Theng’eta*. O desconhecimento de Munira e de seu aluno acerca da bebida ilustra que eles e outros personagens

[...] se distanciaram e foram distanciados, particularmente por meio da educação ocidental, do mundo natural como implicado em suas tradições pré-coloniais (WRIGHT, 2011, p. 244)⁹.

A violência implicada no esquecimento da cultura local e, mais explicitamente, no desmatamento da região e no desinteresse político das elites quenianas é sem dúvida um dos temas principais que norteiam o romance. No entanto, a expressão ‘pétalas de sangue’ aponta, a meu ver, não para tal violência, mas para o contraste entre conhecido e desconhecido, ou seja, para a força de uma natureza incontrolável, que resiste, de alguma forma, ao pensamento esclarecido. Não é à toa que a expressão é usada, ao final do romance, para representar as labaredas de fogo que consomem incontrolavelmente a casa da personagem Wanja (NGUGI, 1991). Além disso, a lição de Munira sobre as partes constituintes da flor contrasta frontalmente com a epígrafe que introduz a obra, um trecho do poema *The Swamp*, de Walcott:

Sinuosidades temíveis, originais! Cada pequena árvore do mangue
Como serpente, suas raízes obscenas
Como mão em seis dedos,
Esconde em sua garra a rã coberta por musgos
Cogumelos, a potente Alpinia,
Pétalas de sangue,

⁷ “Both novels deal very explicitly with the potentially devastating effects of capitalist-driven effects of the land.”

⁸ “The image of the bleeding flower [...] is an image of the corruption and devastation of nature as a result of deforestation and the construction of the Trans-Africa highway.”

⁹ “have distanced themselves and been distanced, particularly by Western education, from the natural world as it had been implicated in their precolonial traditions.”

A vulva pontilhada da Orquídea-tigre;
Estranho falo
Assombrando os viajantes de sua única estrada
(NGUGI, 1991, p. 1)¹⁰.

A natureza é retratada no poema como entidade incoercível em suas manifestações, capazes de seduzir e amedrontar: uma natureza poderosa, indomável e atraente, em que o viajante, assustado e excitado, perde a si próprio. Para voltar a Foucault, aqui está uma natureza não dominada pelo conhecimento, natureza que não se deixa saber ou controlar. A flor de Munira, ao contrário, com seus pólenes, pistilos e pétalas, representação da natureza acorrentada e destituída pelo Esclarecimento, contrasta tristemente com as pétalas de sangue de Walcott. Neste contexto, a expressão ‘pétalas de sangue’ simbolizaria aquilo que não se pode definitivamente colonizar, ou seja, aquilo que, de alguma forma, resiste ao modelo capitalista de produção e ao cientificismo próprio da modernidade europeia. Em outras palavras, embora o romance apresente uma realidade horrivelmente modificada pela chegada do colonizador, seu título aponta, de saída, para uma possível solução ou, ao menos, para um futuro incerto calcado na força simbólica do presente. Pode-se dizer, portanto, que há um ímpeto utópico no romance, que remete ao mesmo tempo aos resíduos de um passado pré-colonial e à possibilidade de surgimento de forças emergentes, no sentido proposto por Williams em *Marxism and literature*. É sempre bom lembrar sua afirmação de que

[...] nenhum modo de produção, e, portanto, nenhuma sociedade dominante ou ordem de sociedade, exaure, em realidade, o escopo total da prática humana, da energia humana, da intenção humana (WILLIAMS, 1988, p. 43).

Este parece ser precisamente um dos motes de *Pétalas de sangue*, um romance em que a agência humana é investida de sentido e valor ainda que testemunhe uma desestruturação social e ambiental sem precedentes.

Pétalas de sangue: redenção e utopia

Pétalas de Sangue conta a história da vila de Ilmorog e de seus habitantes, com ênfase na trajetória de quatro forasteiros, Munira, Wanja, Abdulla e Karega, cujas ações e ideologias interferem profundamente no cotidiano do lugar e cujas vidas e destinos estão inevitavelmente conectados. Entre eles, Wanja e Karega parecem

¹⁰ “Fearful, original sinosites! Each mangrove sapling / Serpentlike, its roots obscene / As a six-fingered hand, / Conceals within its clutch the mossbacked toad, / Toadstools, the potent ginger-lilly, / Petals of blood, / The speckled vulva of the tiger-orchid; / Outlandish phallos / Haunting the travellers of its one road.”

ser os mais capazes de impactar a comunidade. Wanja, antes garçonete e profissional do sexo em Nairóbi, torna-se ajudante no pequeno, mas importante, comércio de Abdulla. Além disso, Wanja é neta da mais respeitada anciã do vilarejo e a ajuda nas plantações e colheitas. Wanja é contagiante, sedutora e ativa, mas guarda um labirinto de dores e frustrações, sobretudo pelo abuso sexual sofrido na infância, pela perda do filho e pelo sexismo presente nas relações profissionais no Quênia pós-independência. Após diversas tentativas mal sucedidas de se relacionar e de se estabelecer profissionalmente, Wanja cria um bordel em Ilmorog, que atende aos mais variados clientes, incluindo políticos e homens de negócio. Karega, por sua vez, é um jovem revolucionário que busca no conhecimento e no crescimento intelectual a solução para os problemas políticos e sociais do país. Mais tarde, Karega torna-se líder sindicalista e fomenta a consciência de classe e a luta por melhores condições de trabalho no novo proletariado de Ilmorog. Ao final do romance, após um incêndio no bordel que culmina na morte de três grandes empresários locais, Wanja é hospitalizada em estado grave e Karega é preso por ser suspeito no suposto crime.

Muito embora Wanja e Karega tenham razões pessoais para vingarem-se das vítimas, o incêndio é perpetrado, em realidade, por Munira, amigo e ex-amante de Wanja. Munira chega a Ilmorog para lecionar e para distanciar-se do pai autoritário e cristão. No vilarejo, contudo, o professor vê sua vida inesperadamente modificada pela relação com os demais estrangeiros, pessoas que, ao contrário de Munira, não se dobraram às demandas culturais e políticas do poder colonial. Educação formal, cristianismo, rejeição amorosa e uma relação castradora com o pai transformam Munira, eventualmente, em um fanático religioso, que vê a opção profissional de Wanja como símbolo do pecado. O incêndio, portanto, tenta dar fim ao bordel, ao mesmo tempo em que busca purificar o vilarejo de uma presença feminina demoníaca. Cabe notar que Munira é o narrador principal do romance, narrador que mente sobre a origem do incêndio e que, no momento da narração, feita em primeira pessoa para o delegado de polícia, é incapaz de pensar criticamente sua conduta e sua relação com os demais personagens. Para Munira, o incêndio era meramente um cumprimento das leis divinas: “Foi-lhe concedido o direito de

queimar o bordel – que ridicularizava o trabalho de Deus na Terra” (NGUGI, 1991, p. 333)¹¹. Nos restos do incêndio aparecem, contudo, os corpos de três empresários da região – Kimeria, Chui e Mzigo – responsáveis pela comodificação da bebida *Theng’eta*, e cujos planos implicavam o fim das organizações sociais e, por outro lado, a comercialização da terra sem qualquer transferência ou atribuição de direitos aos habitantes de Ilmorog. Não por coincidência, tais personagens encontravam-se no bordel no momento do incêndio: na verdade, Wanja havia planejado sua morte (Kimeria, inclusive, é assassinado por Wanja antes do incêndio).

O destino dos personagens principais ao final do romance é obscuro e sem expectativas: Wanja permanece hospitalizada, Munira é condenado pelo crime, Abdulla deve continuar errando pelas ruas de Ilmorog, como vinha fazendo desde a destruição de seu comércio pela chegada das grandes indústrias, e Karega, que havia sido preso durante a investigação, permanece encarcerado. O caos que já havia se instalado no vilarejo com a devastação quase absoluta da agricultura familiar baseada nos fundamentos da ancestralidade e em valores profundamente enraizados no ceio da cultura do povoado, se estende para a vida pessoal desses personagens.

Neste momento, o romance parece apontar para uma impossibilidade de mudança ou mesmo de luta, em contraste com períodos históricos anteriores em que a população possuía recursos para se erguer contra o regime colonial, como foi o caso da revolta Mau Mau, lembrada no romance pela figura de Abdulla, ex-combatente que carrega as consequências nefastas do embate com o governo britânico. No entanto, antes de ser aprisionado, Karega já havia lançado as sementes de transformação na consciência dos pequenos produtores, que agora se unem, ainda que precariamente, para combater o novo governo. Na prisão, Karega recebe a visita de uma militante que leva a mensagem do povoado de que a luta pela libertação das forças dominantes está assegurada. Mas uma possível redenção já havia sido sinalizada anteriormente numa parte em destaque no romance, intitulada ‘A Jornada’. Esta é uma passagem em que jovens, velhos e crianças empreendem uma viagem impossível pelo deserto, com o objetivo de reivindicar, em Nairóbi, apoio político e sustento, depois de um ano de seca. Durante a jornada a morte se acerca:

¹¹ “It was enjoined on him to burn down the whorehouse – which mocked God’s work on Earth.”

Mas nos três dias seguintes, eles ficaram crescentemente quietos e letárgicos. [...] Estavam agora sem comida e sem água. Em certo ponto a sede tornou-se tão intolerável que quase ameaçou a vontade de prosseguir: Abdulla os levou a um lugar onde um dia houve um riacho. Eles retiraram pedras, reviraram rochas e colocaram suas cabeças para o lado escondidas do sol para arrefecer o fogo de suas línguas. [...] e continuaram a jornada, com gaviões e abutres voando sobre eles, esperando, talvez (NGUGI, 1991, p. 143)¹².

Os sinais de morte iminente não são capazes de deter o povoado ou esmorecer sua determinação. A jornada, impraticável na realidade, aparece no romance como solução imaginária para uma contradição social incontestável: de um lado, a promessa de bem-estar e progresso trazida pela modernidade europeia e, de outro, a destruição em massa da população africana. Da jornada, que é, ao final, bem sucedida, fica uma lição:

A verdadeira lição da história é essa: que as chamadas vítimas, os pobres, os oprimidos, as massas, sempre lutaram com espadas e flechas, com suas mãos e canções de coragem e esperança, para acabar com a opressão e com a exploração; que eles continuariam lutando até que um reino humano surgisse: um mundo no qual bondade, beleza, força e coragem seriam consideradas não em termos de quão esperto alguém pode ser, não em quanto poder para oprimir alguém possua, mas apenas na sua contribuição para a criação de um mundo mais humano em que o herdado gênio inventivo do homem na cultura e na ciência, de todas as épocas e climas não seria o monopólio de alguns, mas seria para uso de todos, de tal forma que todas as flores em todas as suas diferentes cores amadureceriam e dariam frutos e sementes. E as sementes seriam postas no solo, se dispersariam e floresceriam sob chuva e sol (NGUGI, 1991, p. 303)¹³.

Quer dizer, à realidade de uma África explorada, empobrecida, seca e esquelética sobrepõe-se uma imagem de florescimento, de cores e vida conquistadas pelo desejo e agência humanos. Revela-se aqui um futuro utópico para os habitantes de Ilmorog, futuro que implica a construção de

relações solidárias entre os excluídos e desprivilegiados, que se unem para formar uma coletividade contra um grupo dominante. A utopia deve ser entendida, neste caso, a partir de um ponto de vista Marxista, que vai ao encontro da leitura que fazia Ngugi da problemática pós-colonial no Quênia. Como pontua Jameson (2004, p. 47), o termo é empregado de maneiras diversas em tempos e lugares diferentes, já que

[...] todas as utopias surgem de uma posição específica em uma classe, [e] sua tematização fundamental – o diagnóstico da raiz-de-todo-mal em termos do qual elas são constituídas – também irá refletir uma posição ou perspectiva histórica de classe específica¹⁴.

Ou seja, aqueles que pensam a utopia estão condenados a divisar mudanças de acordo com esquemas de pensamento desde sempre constituídos. Por outro lado, as utopias estão necessariamente limitadas por aqueles que as procuram, motivo pelo qual diferentes caminhos e futuros são constantemente imaginados para as mesmas, terríveis, circunstâncias.

Considerações finais

Em *Pétalas de sangue*, a utopia remete, por um lado, à possibilidade de surgimento de uma sociedade sem classes, em que não haja oprimidos e opressores. Constitui-se, dessa forma, uma dialética no decorrer do romance entre uma constante violência cultural, física e psicológica levada a cabo pelas novas relações que se impõem entre homem e natureza – e que leva os habitantes do vilarejo a uma espécie de confusão mental e perda de identidade – e um processo de redenção e superação. Este último, por sua vez, produz novas formas de violência e repressão. Se, em dado momento histórico, a luta se deu em nome da independência da nação, agora o inimigo é menos evidente, pois não consiste em um opositor específico que governa e dita as leis, mas sim em um novo modo de produção que modifica aos poucos as relações humanas, a relação do homem com a terra e, por consequência, a própria vida tal como concebida pela comunidade. Tem-se aqui uma boa ilustração da substituição da economia local pelo mercado autorregulável e da transformação da terra, do trabalho e do dinheiro em mercadorias fictícias, como bem pontuou Polanyi (1980). Para o autor, a total submissão da sociedade às leis da economia de mercado – claramente retratada no romance – só poderia ser devastadora:

¹² "But in the next three days, they increasingly became quiet, listless. [...] they were now without food and without water. At one stage their thirst became so intolerable it almost threatened their will to proceed: Abdulla led them to a place where once flowed a stream and they dug up some stones, turned over some rocks and put their tongues on the sides hidden from the sun to cool the fire in their tongues. [...] and they continued their journey, with Hawks and vultures flying high above them, maybe hoping [...]."

¹³ "The true lesson of history was this: that the so-called victims, the poor, the downtrodden, the masses, had always struggle with spears and arrows, with their hands and songs of courage and hope, to end their oppression and exploitation: that they would continue struggling until a human kingdom came: a world in which goodness and beauty and strength and courage would be seen not in how cunning one can be, not in how much power to oppress one possessed, but only in one's contribution in creating a more humane world in which the inherited inventive genius of man in culture and science from all ages and climes would be not the monopoly of a few, but for the use of all, so that all flowers in all their different colours would ground and they would once again sprout and flower in the rain and sunshine."

¹⁴ "[...] all utopias spring from a specific class position, [and] their fundamental thematization – the root-of-all-evil diagnosis in terms of which they are each framed—will also reflect a specific class historical standpoint or perspective."

Permitir que o mecanismo de mercado seja o único dirigente do destino dos seres humanos e do seu ambiente natural, e até mesmo o árbitro da quantidade e do uso do poder de compra, resultaria no desmoroamento da sociedade.

Por conseguinte,

[...] os seres humanos sucumbiriam sob os efeitos do abandono social; morreriam vítimas de um agudo transtorno social, através do vício, da perversão, do crime e da fome (POLANYI, 1980, p. 85).

No que diz respeito à África, a previsão de Polanyi tornou-se uma realidade incontestável, como enfatiza, por exemplo, o crítico Berman (2006, p. 1) ao afirmar que

[...] as rupturas da modernidade colonial foram experienciadas como uma crise de economia moral, um desafio ao entendimento autóctone das bases legítimas de desigualdade de riquezas e poder, autoridade e obediência e das reciprocidades e lealdades das relações sociais¹⁵.

O romance de Ngugi encara e delinea uma parcela de tal realidade ao mesmo tempo em que propõe, no rastro das ideologias do autor, uma solução utópica na consciência de classe.

Por fim, a ênfase na expressão ‘pétalas de sangue’, se entendida, novamente, como aquilo que não se pode conter, o ‘desconhecido e desconhecível’ que tanto amedronta Munira, aponta para outra possibilidade de redenção utópica na medida em que remete a um mundo não reificado, capaz de escapar ao desencanto produzido pelo Esclarecimento. Torna-se, finalmente, um poderoso símbolo de esperança de que a pequena Ilmorog, um microcosmo da África colonizada, esconda ainda seus mistérios e seja, portanto, capaz de resistir à dominação cultural, política e econômica da Europa, surpreendendo, como no poema de Walcott, os viajantes que a perseguem.

Referências

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BERMAN, B. The ordeal of modernity in an age of terror. **African studies review**, v. 49, n. 1, p. 1-14, 2006.
- FOUCAULT, M. **Power/knowledge**: selected interviews and other writings, 1972-1977. In: GORDON, C. (Ed.). Tradução de Colin Gordon, Leo Marshall, John Mepham e Kate Soper. New York: Pantheon Books, 1980.
- JAMESON, F. **The political unconscious**: narrative as a socially symbolic act. New York: Cornell University Press, 1982.
- JAMESON, F. The politics of utopia. **New left review**, v. 25, jan-fev, p. 35-54, 2004.
- JAMESON, F. **A singular modernity**: essays on the ontology of the present. London: Verso, 2002.
- NGUGI, W. T. **Petals of blood**. New York: Penguin Books, 1991.
- POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- WILLIAMS, P. **Ngugi wa Thiong'o**. Manchester: Manchester University Press, 1999.
- WILLIAMS, R. **Marxism and literature**. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- WRIGHT, L. Inventing tradition and colonizing the plants: Ngugi Wa Thiong'o's *Petals of blood* and Zakes Mda's *The heart of redness*. In: CAMINERO-SANTANGELO, B.; MYERS, G. (Ed.). **Environment at the margins**: literary and environmental studies in Africa. Athens: Ohio University Press, 2011. p. 235-256.

Received on August 14, 2013.

Accepted on April 22, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

¹⁵ “[...] the disruptions of colonial modernity were experienced [in Africa] as a crisis of moral economy, a challenge to indigenous understandings of the legitimate bases of inequalities of wealth and power, authority and obedience, and the reciprocities and loyalties of social relations.”

Acta Scientiarum



<http://www.uem.br/acta>
ISSN printed: 1983-4675
ISSN on-line: 1983-4683
Doi: 10.4025/actascilangcult.v36i3.21613